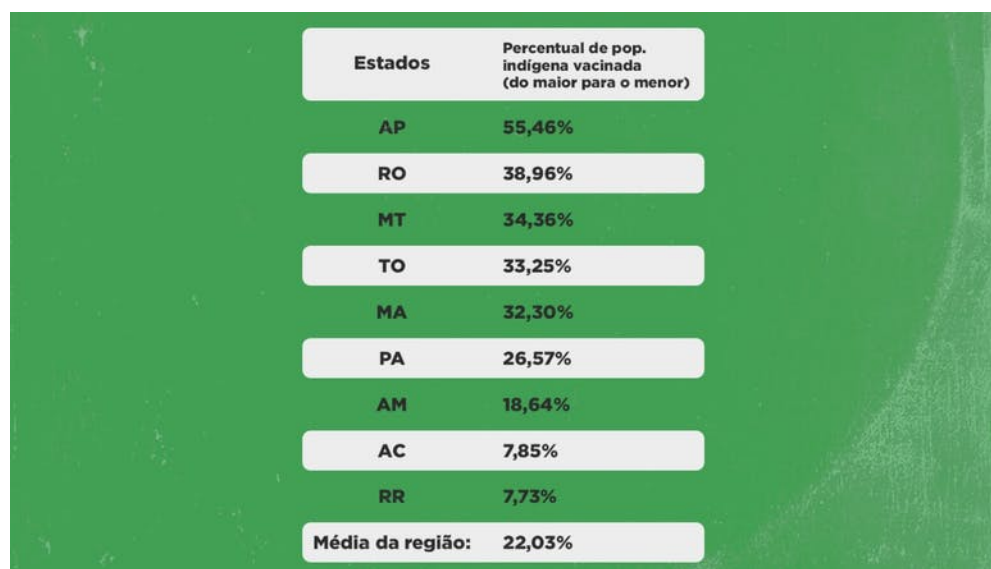


Apenas 22% dos indígenas da Amazônia tomaram a segunda dose da vacina contra a COVID-19

Incompetência e má-gestão ameaçam os indígenas do Norte do Brasil

Publicada em: 11/03/2021 às 02:00

COMI



The infographic displays a table with two columns: 'Estados' (States) and 'Percentual de pop. indígena vacinada (do maior para o menor)' (Percentage of indigenous population vaccinated, from highest to lowest). The data is presented in a descending order of vaccination rates, with each state's name and percentage enclosed in a white rounded rectangle against a green background.

Estados	Percentual de pop. indígena vacinada (do maior para o menor)
AP	55,46%
RO	38,96%
MT	34,36%
TO	33,25%
MA	32,30%
PA	26,57%
AM	18,64%
AC	7,85%
RR	7,73%
Média da região:	22,03%

Tabela 1: Percentual de população indígena de cada estado da Amazônia Legal vacinada com segunda dose até 10/03/2021. Fonte: Ministério da Saúde

- Estados mais críticos são Amazonas, Acre e Roraima, que ve

- 18,64%, 7,85% e 7,73% de seus cidadãos indígenas;*
- *Dados oficiais não contemplam o total de indígenas amaz que incluem indígenas que vivem em contextos urbanos, em áreas em Terras Indígenas em processo de regularização.*

Quase dois meses após o início da vacinação contra a COVID-19, é claro que o processo tem sido conduzido de maneira muito deva

Na Amazônia, não é diferente: levantamento interno conduzido mostra que, até a última quarta-feira, 10 de março, apenas 22,05% dos indígenas da região recebeu a segunda dose da vacina contra o coronavírus. Pouco mais de 50 mil pessoas vacinadas de um universo de mais de 2 milhões de indivíduos.

Os dados foram obtidos no [portal do Ministério da Saúde que fornece dados específicos sobre a saúde indígena](#) e que agrega informações de diversos bancos de Dados em Saúde – RNDS.

Segundo os dados disponíveis, os estados com maior cobertura de vacinação indígena são Amapá, Rondônia e Mato Grosso, que atingiram 55,46%, 38,96% e 34,36% de seus indivíduos maiores de 18 anos em territórios homologados.

Os piores são Amazonas, Acre e Roraima, que atingiram um percentual de vacinados de 18,64%, 7,85% e 7,73% de seus indígenas. (Veja os dados completos na tabela acima).

A segunda dose da vacina é importante porque somente duas aplicações completas dela o corpo do indivíduo começa a criar anticorpos que barram a entrada do vírus nas células. Por isso, entidades como a Fundação Butantan e a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) recomendam a necessidade de manter o distanciamento social, o uso de máscaras e a higienização constante das mãos mesmo após a aplicação da primeira dose.

A lentidão da vacinação é um dado preocupante, visto que ela soma outros problemas que acometem os indígenas hoje. Um deles é o surgimento de novas variantes do coronavírus, que aumentam o risco aos originários, pois estão expostos. Uma delas, identificada como a descoberta em Manaus (AM), é um dos epicentros da doença e a mais transmissível e mortal que a cepa original do coronavírus.

Primeira dose

Quando se trata da primeira dose, a situação é um pouco melhor. Segundo dados do Ministério da Saúde, a média de população indígena vacinada até 10 de março é de 56,64% dos indivíduos.

No ranking da primeira dose, a posição de cada estado no Brasil é diferente. Rondônia está na frente, tendo vacinado 74,69% de sua população indígena. Amapá (69,15%) e do Tocantins, que já vacinou 63,91% de sua população maiores de 18 anos.

Por outro lado, o Pará vacinou apenas 50,34% de sua população indígena. Ainda mais baixos registros em Roraima (47,85%) e uma situação complicada no Acre, que vacinou apenas 32% de sua população.

O Acre enfrenta uma situação particularmente difícil, encara ao mesmo tempo a pandemia da COVID-19, um surto de dengue e uma migração na fronteira com o Peru que parece ter arrefecido nos últimos meses. Além disso, as alagações recentes dos rios Acre, Juruá, Purus e Tarauacá.

Exclusão

Para o técnico de projetos da COIAB Luiz Tukano, tão grave quanto a lentidão da vacinação é o fato de que os dados do Ministério da Saúde não refletem o total da população indígena da Amazônia. “O que existe atualmente que estamos levando em consideração quando o assunto é vacinação em indígenas, dentre elas destacamos: a) os dados do SIASI (Sistema de Informação de Atenção à Saúde Indígena) em muitos DSEIS não estão atualizados”.

assim exclusão de indígenas não cadastrados e desconsiderar residentes fora do território abrangente dos distritos sanitários saúde indígena- DSEIs; b) a pouca disponibilidade das vacinas reflete diretamente na vacinação em Povos Indígenas; c) campanhas em alguns Distritos, pois depende muito de cada distrito perante seus territórios, muitos com os desafios logísticos d) e por fim a lentidão de digitalização dos dados, que acarreta em tempo hábil os percentuais de vacina em povos indígenas.

O governo federal incluiu como público prioritário da campanha contra a COVID-19 apenas os indígenas maiores de 18 anos em territórios homologados. Assim, indígenas que vivem em contextos de áreas de conflito ou em processo de regularização não estão nos números oficiais da União.

Cabe lembrar ainda que os cálculos das vacinas destinadas aos indígenas se pautaram nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2010 - são informações, portanto, muito defasadas e que precisam de atualização o mais rápido possível.

Racismo estrutural

“Esse recorte deixa uma enorme parcela de nossos parentes indígenas sem acesso às vacinas. Algumas estimativas mostram que os indígenas que vivem somam quase 95 mil pessoas em todo o Brasil”, reclamou Luiz de várias instituições afirmam que esta medida revela um processo de assimilação cultural e é mais uma amostra do racismo estrutural contra os indígenas brasileiros.

Luiz contou também que mesmo entre os indígenas que estão em territórios homologados existem percalços dificultando a vacinação: “Ouvimos relatos de parentes que em certos locais a Igreja não quer deixar as crianças serem vacinadas e estamos combatendo essa visão com campanhas específicas. Além disso, existe ainda o problema da disponibilidade de vacinas. Não temos vacinas para todos e nem sabemos quando chegarão

Crimes ambientais

Os indígenas que vivem nos territórios sofrem também com ilícitos ambientais – os criminosos não fazem lockdown e os relatos pela COIAB são de que o desmatamento, a exploração predatória, as invasões aos territórios e a mineração ilegal se intensificaram seriíssima durante a pandemia.

Segundo levantamento que a COIAB sobre a ocorrência da COVID-19 entre povos indígenas da Amazônia, até 10 de março havia 35.601 casos entre este público, com 845 mortes e 146 povos atingidos. Ar e Roraima são os estados mais atingidos, com 8.948, 6.774 e respectivamente.

Palavras-Chave

Vacinação

Povos Indígenas

Amazônia

Os povos Xavante e Kokama, do Mato Grosso e do Amazonas, tiveram o maior número de indivíduos mortos, com 81 e 58 falecimentos.

HOME
QUEM SOMOS
EIXOS DE ATUAÇÃO
NOTÍCIAS
DOCUMENTOS
MÍDIAS
MAPA
COVID-19

Pelas Vidas Indígenas
da
Amazônia Brasileira
Apoie!
FAÇA UMA DOAÇÃO